

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO**

**JULIANA DUARTE DOS SANTOS  
LUIZA ANTUNES MARIANI**

**FENOMENOLOGIA E O ESPAÇO URBANO:  
A TIPOLOGIA DO BAIRRO DA LIBERDADE**

**SÃO PAULO  
2012**

**JULIANA DUARTE DOS SANTOS  
LUIZA ANTUNES MARIANI**

# **FENOMENOLOGIA E O ESPAÇO URBANO: A TIPOLOGIA DO BAIRRO DA LIBERDADE**

PESQUISA APRESENTADA  
AO CENTRO UNIVERSITÁRIO  
BELAS ARTES DE SÃO PAULO,  
COMO PARTE DAS EXIGÊNCIAS  
DO PROJETO DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA.

ORIENTADOR: CELSO LOMONTE  
MINOZZI

**SÃO PAULO  
2012**

## FICHA CATALOGRAFICA

Duarte dos Santos, Juliana  
Antunes Mariani, Luiza.

Fenomenologia e o espaço urbano: A tipologia do bairro da  
Liberdade/Juliana Duarte Santos, Luiza Antunes Mariani – São Paulo, 2012.

50f. : Il.

Trabalho de Iniciação Científica orientado pelo Professor Celso  
Lomonte Minozi

1. Fenomenologia 2.Espaço Urbano 3.Liberdade

**A reprodução e a divulgação total ou parcial desta pesquisa podem ser realizadas, exclusivamente, com finalidade de estudos e pesquisas, desde que citada à fonte.**

*Aos nossos pais, principalmente pelos valores que sempre buscaram ensinar ao longo da vida, pelo exemplo de caráter e simplicidade.*

*Aos nossos namorados e amigos, pelo carinho, compreensão e companheirismo.*

*Ao nosso orientador pelo apoio e atenção durante a realização deste trabalho.*

***“A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”***

**(Merleau-Ponty)**

## **RESUMO**

A presente pesquisa propõe-se a aplicar alguns dos conceitos de uma área da filosofia, a fenomenologia, no contexto do espaço urbano. Foi delimitada como área de estudo o trecho que compreende a região do Bairro da Liberdade. Foram estabelecidas algumas categorias de análise dentro do cenário, como os tipos presentes de fachadas – originais sobrepostas e híbridas-, os elementos formais e materiais e a atmosfera criada pelo conjunto, todos estes elementos foram filtrados pelo ponto central da questão fenomenológica, o sujeito e como ele percebe o meio. Todas essas análises levaram a conclusão de que existem instrumentais significativos dentro da fenomenologia, que tornaram possível a leitura deste espaço. A pesquisa é de caráter essencialmente bibliográfico e encontra-se estruturada da seguinte forma: o espaço urbano, a fenomenologia da percepção e a leitura do bairro; e por último tecem-se as considerações finais.

Palavras-chave: Fenomenologia. Espaço  
Urbano.Liberdade.Percepção.Leitura

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1. O ESPAÇO URBANO.....</b>	<b>10</b>
1.1 O BAIRRO.....	10
<b>2. A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>3. A LEITURA DO BAIRRO.....</b>	<b>17</b>
3.1 AS LANTERNAS SUZURANTO COMO ELEMENTOS FORMAIS E MATERIAIS.....	17
3.2 FACHADAS ORIGINAIS, SOBREPOSTASE HIBRIDAS COMO CENÁRIOS.....	18
3.3 ATMOSFERAS.....	33
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>CRONOGRAMA</b>	
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA</b>	
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo fazer a leitura do espaço urbano, compreendido no bairro da Liberdade, com base no pensamento fenomenológico, discutindo o problema de linguagem do bairro.

O objetivo geral da pesquisa consiste em retirar instrumentais analíticos urbanos, que correspondem às categorias de análise. O objetivo específico é fazer a leitura do espaço urbano, compreendido no bairro da Liberdade, com base no pensamento fenomenológico, discutindo o problema de linguagem do bairro.

O interesse surgiu através da leitura de artigos envolvendo fenomenologia na arquitetura no portal Vitruvius e a realização de projetos acadêmicos em espaços urbanos da zona, Leste e Central de São Paulo, que revelaram pontos de monotonia e falta de identidade. A combinação despertou a vontade de compreender como conceitos fenomenológicos podem ser inseridos na análise do contexto urbano.

Para que se chegasse ao objetivo desta pesquisa, buscou-se primeiramente realizar uma revisão bibliográfica que consistiu em um ponto importante para o esclarecimento do tema e escolha do lugar de estudo: o bairro da Liberdade, em São Paulo, onde se encontram elementos que evidenciam o objeto da pesquisa. Foi feita uma seleção de autores que trabalham com a questão do espaço urbano, como Kevin Lynch e Gordon Cullen, autores que trabalham com a filosofia da fenomenologia como Merleau-Ponty e Gaston Bachelard, com a finalidade de estruturar a pesquisa. Selecionamos outros autores que se mostraram essenciais para a pesquisa, como o arquiteto Peter Zumthor que trabalha com questões fenomenológicas e o psicólogo alemão Rudolf Arnheim. Algumas leituras indiretas, como as do portal Vitruvius, foram importantes em alguns pontos do desenvolvimento da pesquisa por formarem um sistema de aproximação com o tema.

Foi feita uma produção iconográfica, destacando pontos da região que evidenciaram o objeto da pesquisa e forneceram elementos que constatarem



a dupla significação do bairro. Após uma rica coleta de materiais, iniciamos a aplicação dos conceitos encontrados no contexto da Liberdade que compunha a leitura do espaço. Conforme foram feitas as leituras começou-se a estabelecer categorias de análise, ou seja, um agrupamento de elementos que continham características semelhantes para enfim chegarmos à discussão da existência de instrumentais suficientes para a leitura deste espaço através da fenomenologia.

O trabalho está composto por três capítulos, distribuídos da seguinte forma:

No primeiro capítulo foram feitas as considerações gerais sobre espaço urbano e chegando a pontos mais específicos que tratam sobre o conceito de bairro, formando a base do estudo.

No segundo capítulo é apresentado, de forma breve, o elemento que efetua a leitura da base de estudo, vista no primeiro capítulo, a fenomenologia da percepção.

O terceiro capítulo consiste na aplicação dos conceitos da fenomenologia no espaço urbano. . A discussão compreendeu evidenciar elementos formais e materiais, como as lanternas Sazuranto; os cenários formados pelas fachadas originais, sobrepostas e híbridas e a atmosfera criada pelo conjunto.

Por fim foram feitas considerações que mostraram os resultados alcançados e as limitações encontradas durante a realização desta pesquisa.

## **1. O ESPAÇO URBANO**

Consideramos a cidade como espaço urbano que pode ser analisado através de formas, cores, linguagens, eixos, pontos e linhas. Outra maneira para melhor compreensão deste espaço é a partir das sensações que este espaço transmite a seus habitantes, ou através da fenomenologia, que faz com que o sujeito perceba o espaço através de seus signos e suas interpretações.

Para a presente pesquisa analisaremos, sob a óptica fenomenológica, uma pequena parcela do espaço urbano compreendida no bairro da Liberdade, dentro da cidade de São Paulo.

A princípio precisamos ter bem definido o que é o espaço urbano que estamos lidando. Considera-se espaço urbano um todo que possui diferentes tipos de usos, originando daí uma organização espacial da cidade. Esses usos são divididos em áreas, que por sua vez são distintas em termos de usos, conteúdo social e formas e são nessas áreas que encontramos definições da composição de uma cidade, como: sua centralidade, local de permanência de cada atividade comercial, industrial, institucional, residencial, áreas de lazer e até mesmo espaços para futuras expansões.

Denota-se então o significado de espaço urbano: um conjunto de variações de atividades, reflexos, materialidade nas formas espaciais, símbolos, articulações e fragmentações, enfim, um meio condicionalmente social aparente, que inclui a dimensão de uma sociedade.

### **1.1 O BAIRRO**

Para melhor compreensão do espaço urbano que estamos trabalhando, utilizaremos o pensamento desenvolvido por Kevin Lynch em seu livro “A imagem da cidade”.

Primeiramente identificamos um objeto, implicando assim sua distinção das outras coisas. Em seguida é necessária a inclusão de outros objetos e da imagem, e a partir dela deriva a relação espacial ou estrutural desse objeto com

outros objetos e com o observador. Por fim, este mesmo objeto deve ter um significado prático e emocional para o observador.

Quando se aumenta a imaginabilidade do ambiente urbano é notada uma facilidade em sua identificação e estruturação visual. E é exatamente este processo de estudos que seguimos no bairro da Liberdade, a fim de mistificar elementos físicos e perceptíveis como as vias, os limites, os cruzamentos e pontos marcantes que são os principais definidores da imagem da cidade, além de alguns outros fatores influenciadores dessa imagem como o significado social desta área, sua função, a sua história ou até mesmo seu nome.

Na concepção de Lynch, bairros são: “Partes razoavelmente grandes da cidade na qual o observador “entra”, e que são percebidas como possuindo alguma característica comum, identificadora.” (LYNCH, 1960, p. 66).

Sabendo disso, identificamos a região da Liberdade como um lugar que se enquadra no conceito de bairro com características muito peculiares que remetem às cidades orientais. É importante entendermos que os elementos que compõe o espaço urbano promovem identidade na região, revelando características próprias de cada bairro.

Podemos considerar alguns bairros, como o da Liberdade como pontos nodais, ou seja, pontos de referência conceituais dentro de uma cidade. Graças ao tratamento paisagístico o bairro da Liberdade mantém a atenção mesmo que seja obtida através da concentração de algum tipo de atividade local, como por exemplo, a feirinha situada na Praça da Liberdade que acontece aos finais de semana, e a eventos como ano novo Chinês.

Kevin Lynch proporciona em sua obra sugestões para qualidades de forma que podem ser encontradas no bairro da Liberdade: Design Urbano: o modo com que há tratamento de cenário, com elementos de fachada e detalhes na iluminação pública; nitidez dos limites; contraste de superfícies; forma; intensidade; uso; complexidade; tamanho.

A imagem é um produto de relação do observador com o meio, e, portanto pode apresentar situações diferenciadas para diferentes observadores. Sua coerência pode surgir por familiaridade ao objeto, senso comum a um número

significativo de membros e senso de orientação. Kevin Lynch, por exemplo, analisa a imagem em três componentes: identidade (sua diferenciação em relação a um todo), estrutura (sua composição) e significado (conteúdo ou utilidade), com essas análises chega-se a identidade do bairro.

A estruturação do bairro explicada até agora sobre conceituação de Kevin Lynch é indispensáveis para a análise de um espaço e como ele se comporta em relação ao entorno da cidade. Um exemplo disso é notar que nem sempre os limites oficiais dos bairros correspondem aos limites perceptivos. Existem muitas ruas no bairro da Liberdade que não receberam tratamento paisagístico ou não adotaram o plano, perde-se então a percepção daquele espaço como um espaço oriental, tornando-se um conjunto de edificações comuns que podem ser encontradas em qualquer lugar da cidade de São Paulo, o que significa que o bairro não se encerra em duas ou três ruas temáticas. Distinguindo assim bairros extrovertidos (relacionam-se mais claramente com outros segmentos da cidade) e introvertidos – que é o caso do bairro da Liberdade – ou seja, possuem características internas de níveis de relacionamento.

Outro conceito importante de Lynch é a imageabilidade, está ligado ao conceito de legibilidade, pelo motivo de que imagens “fortes” podem aumentar a probabilidade de uma construção da visão clara e estruturada formada dessa cidade. A visão do conjunto urbano é mais significativa e forte que a de um fato isolado. Conforme LYNCH (1960, p.10) uma cidade com imageabilidade (aparente, legível, ou visível), nesse sentido, seria bem formada, distinta, memorável; convidaria os olhos e ouvidos a uma maior atenção e participação.

Na obra “Paisagem Urbana”, o autor Gordon Cullen defende a ideia de que o observador em movimento é elemento fundamental para a percepção do espaço construído. De certo modo a percepção da paisagem urbana é resultante de reações emocionais, da vivência do observador e de suas experiências passadas.

Se observarmos, por exemplo, as luminárias Sazuranto espalhadas pelo bairro da Liberdade, é possível constatar que a presença daquela típica iluminação modifica sensivelmente o espaço urbano, mas isso só se torna efetivo porque há um observador em movimento que olha para aquele elemento de

diferentes perspectivas. Quando afirmamos isso constatamos que apenas estruturar o conceito de bairro e identificar seus elementos não é o suficiente, é necessário um olhar sobre esse espaço para que aconteça uma efetiva compreensão do lugar, em nosso estudo faremos uso da visão fenomenológica.

## 2. FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO

A Fenomenologia é um campo da filosofia que afirma a importância dos fenômenos que são dados através da consciência do indivíduo e dos objetos formados por ela, ou seja, através da vivência. Nasceu como um questionamento ao modo científico de pensar e passou a olhar para as coisas mais simples de forma a reformular seu entendimento, contudo o resultado dessa análise é variável uma vez que leva a experiência de vida, a percepção, a cultura e individualidade de cada um. Em seu livro 'Fenomenologia da Percepção' o autor francês Maurice Merleau-Ponty afirma essa ideia concluindo:

Eu sou a fonte absoluta; minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser para mim (e, portanto ser no único sentido que a palavra possa ter para mim) essa tradição que escolho retomar, ou este horizonte cuja distância desmoronaria, visto que ele não lhe pertence como propriedade, se eu não estivesse lá para percorrer lá com o olhar. (PONTY, 3-4, 1991)

O autor afirma não só a presença do homem no mundo, mas também que o mundo já se encontrava ali, antes de qualquer análise que pudesse ser feita e posteriormente sendo ele o campo de todos os pensamentos, reflexões e percepções.

Para Merleau-Ponty a fenomenologia é o estudo das essências, compreende não só o sujeito, nem só o objeto, mas algo que está entre os dois e que os faz dependentes para enfim chegar a um único foco, o objeto e como ele é percebido. O sujeito faz as coisas em torno de si fazendo as existir para si mesmo, e por fim as extrai de si mesmo.

Por ser de grande importância para a estruturação da leitura do espaço urbano, ilustraremos a relação do objeto e como ele é percebido através da

ideia de signo e significado, afim de melhor definir a hierarquia do o pensamento:



**Gráfico 1 - Esquema da hierarquia do pensamento**  
**Fonte: Produzido pela autora**

Dentro do esquema apresentado, vemos o signo como algo que integra o processo de representação passível de ser percebido e sentido. O signo envolve também dois pontos importantes a serem considerados em nosso estudo: o primeiro é a reunião de algumas características que apesar de pouco significativas se fazem presentes, como os materiais, as cores e os acabamentos e o segundo ponto são os aspectos que individualizam o signo, como o aspecto formal empregado e as dimensões adotadas.

O 'objeto' é o modo como o signo se refere àquilo que representa que pode ser por meio de analogia, que consiste em uma relação de equivalência entre duas coisas e por meio dos símbolos, que são associações dadas em um sistema complexo ou como para Rudolf Arnheim "... os símbolos são susceptíveis de serem lidos por uma comunidade pensante...".

Estão no 'sujeito' as possibilidades interpretativas do signo, estas possibilidades serão concebidas de forma a reafirmar a individualidade do sujeito, pois este carrega questionamentos, fatos, experiências e opiniões únicas a ele. Esse conjunto de reflexões resulta na formação do significado na consciência.

O significado é a propriedade em que o objeto é dado ao sujeito; cabe ao sujeito lhe procurar outras formas e modos de evidências. A expressão/ linguagem será fundada em atos intencionais. Os significados de palavras e de juízos são fundados em atos intencionais e intuições das

coisas mesmas. Os significados apresentam distintos graus e modos de evidência. (JORGRILBERG)

Afim de um complemento e afirmação sobre a discussão podemos citar um trecho de 'A poética do espaço':

“O exterior somente é entendido quando transformado em interior, e não pensar dessa forma leva a generalizações descabidas. Tudo é valor humano; o espaço não pode ser unicamente exterior, pois é vivido, imaginado, recordado interiormente.” (BACHELARD).



### **3. A LEITURA DO BAIRRO**

O desejo de efetivar a identidade oriental do bairro fez com que se fosse criado um plano paisagístico para a Liberdade, houve então uma sobreposição de signos criando uma máscara na região. Estudaremos o problema da dupla linguagem do bairro e o conjunto de impressões que as pessoas capturam do local seguindo conceitos fenomenológicos.

#### **3.1 AS LANTERNAS SUZURANTO COMO ELEMENTOS FORMAIS E MATERIAIS**

As tradicionais lanternas Suzuranto, que representam a cultura milenar do sol nascente, tem influência direta com a cultura chinesa e eram feitas com armação de bambu e revestidas com papel ou seda. Antes do surgimento da energia elétrica, eram colocadas velas dentro das lanternas para que as pessoas pudessem carregar e iluminar seus caminhos durante a noite.

As lanternas são muito usadas em festivais japoneses, como o 'Festival Bon' que corresponde ao dia de finados que conhecemos. Ocorre anualmente no Japão e neste dia os japoneses deixam as lanternas acesas para que os espíritos sejam guiados até suas casas.

As primeiras luminárias Suzuranto do bairro da Liberdade foram instaladas em vias como Galvão Bueno (imagem) e Tomaz Gonzaga.

As luminárias possuem uma significação relacionada à sua forma oval, sendo a parte de cima com diâmetro maior em relação à parte de baixo, esta peça é suportada por uma haste vertical e uma horizontal (onde as lanternas são presas). Também possuem significação em relação aos materiais: a princípio as peças ovais da lanterna eram de vidro, mas foram substituídas por polietileno por ser um material mais resistente para ser

instalado no espaço público, a haste é composta por uma estrutura de ferro pintada com o característico vermelho japonês.

Quando a lanterna deixa de ser um objeto de análise isolada e é inserida no contexto urbano, ela altera a sua significação (e o signo passa a ser símbolo).

O sujeito, através de sua consciência e individualidade, carrega as possibilidades interpretativas para a lanterna que também está carregada de individualidade como sua forma, seu material, suas cores e sua disposição espacial, resultando na experiência sensível que me remete ao Japão.

“A nissei Mariana Ota diz que a Liberdade reflete mais a estética japonesa do que muitas cidades no Japão”. Mariana passou cinco meses na terra dos pais em 2004 e é moradora da Liberdade desde os três anos. “Meus pais são muito tradicionais, prezam demais os preceitos seguidos desde os tempos dos avós dos avós dos avós deles, por isso decidiram morar aqui, onde era possível viver o modo de vida que eles realmente estavam acostumados”. entrevista dada a Paula Furlam, repórter da revista Nação.

O conjunto da lanterna transmite leveza ao sujeito, a sensação é de que são feitas de papel de seda penduradas por pequenas hastes à estrutura vermelha, tornando-se assim elemento marcante para a identificação do espaço pelo observador.

### **3.2 FACHADAS ORIGINAIS, SOBREPOSTAS E HÍBRIDAS COMO CENÁRIOS**

Ao final da Avenida Liberdade é onde começam a aparecer nuances das ornamentações orientais nas fachadas dos edifícios, como o letreiros com caracteres Japoneses, como podemos ver na fachada do Bando Itaú (figura), a intensidade aumenta gradativamente até chegar à Rua Galvão

Bueno onde a frequência que a decoração aparece é muito maior formando um grande ‘cenário Japonês’.

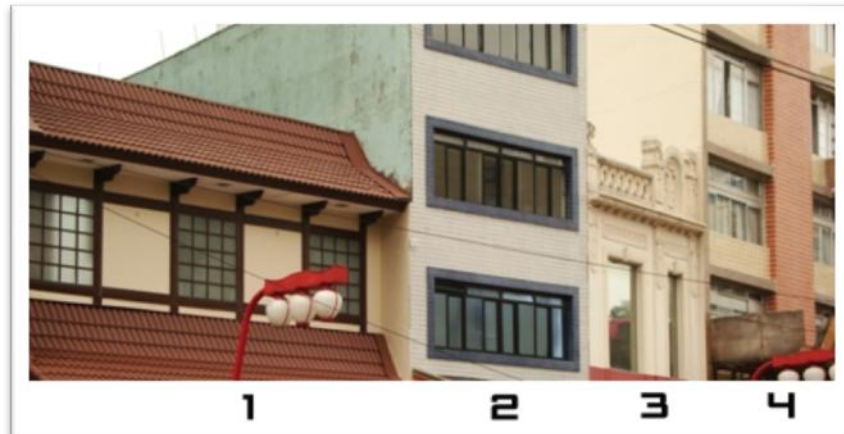
Esse cenário começa a surgir no bairro da Liberdade por volta de 1970, devido a um programa que o prefeito da época, Figueiredo Ferraz, junto à secretaria do turismo criou para incentivar lojistas da região a implantar um plano paisagístico no bairro dando identidade oriental efetiva. O melhor projeto paisagístico para a região seria escolhido através de um concurso feito na época, a ideia do jornalista Randolpho Marques Lobato foi a vencedora. Marques pretendia criar algo parecido com a ‘China Town’ de São Francisco, propondo Lanternas do tipo Suzuranto, substituição das calçadas de cimento por azulejos decorados com motivos chineses e japoneses, fachadas a maneira dos prédios orientais, letreiros com caracteres orientais, jardins orientais e entradas do bairro dadas por portais ‘toris’.

Muito do plano paisagístico foi implantado, mas a verticalização da cidade de São Paulo faz com que tenhamos vestígios muito visíveis das edificações por trás da máscara oriental. A princípio chamaremos esses vestígios de fachadas originais e separaremos o térreo das edificações dos demais pavimentos em alguns trechos para as primeiras análises. O primeiro trecho a ser analisado está composto por quatro edificações, é um cenário que está localizado em frente à Praça da Liberdade, na bifurcação da Avenida Liberdade com a Rua Galvão Bueno.



**Figura 1: Trecho de análise**  
**Fonte: Juliana Duarte dos Santos**

A primeira edificação à esquerda é o Fast-Food McDonald's. Nota-se que a fachada destaca-se das outras pelo tratamento oriental totalmente inserida no contexto que o plano paisagístico propõe para a região, não havendo possibilidade de visualizar outro tipo de edificação.



**Figura 2: Trecho de análise**  
**Autor: Juliana Duarte dos Santos**

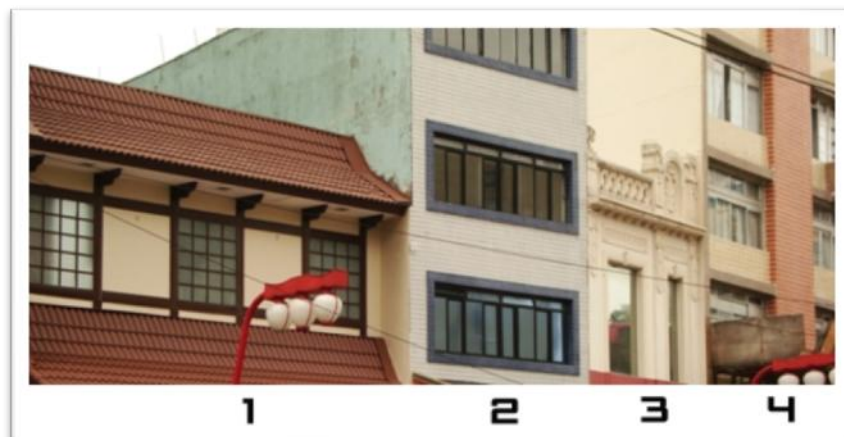
A segunda e a quarta edificações consistem em prédios aparentemente modernos devido aos caixilhos que são compostos por grandes aberturas com folhas de vidro de correr rigorosamente modulados, e devido à aplicação dos módulos de cerâmica formam um conjunto estreitamente racional. Nota-se também a altura dos prédios em relação à primeira edificação, o segundo apresentando três pavimentos e mais o térreo e o quarto apresentando considerável conjunto de vinte e quatro pavimentos e mais o térreo, fugindo totalmente da proposta paisagística oriental do bairro.



**Figura 3: Trecho de análise**  
**Autor: Juliana Duarte dos Santos**

A terceira edificação caracteriza-se por se tratar de uma construção antiga e aparentemente neoclássica. Apresenta formas geométricas e regulares coroada por uma balaustrada. O gabarito da edificação é coerente mas a forma do signo com elementos decorativos impostos a ela não cria um vínculo com a proposta do paisagismo oriental.

Faremos uma segunda análise, do mesmo trecho, porém utilizando somente o térreo das quatro edificações.



**Figura 4: Trecho de análise**  
**Autor: Juliana Duarte dos Santos**

A primeira fachada ainda segue o padrão oriental dos demais pavimentos, sendo coerente a proposta do bairro.

O térreo da segunda edificação apresenta características muito peculiares aos seus demais pavimentos. Podemos observar que a fachada é composta por elementos que formam um pórtico oriental pintado com vermelho intenso, o mesmo vermelho tradicional das Lanternas Suzuranto, também notamos o uso da madeira como elemento principal de composição e uma preocupação maior em formar um beiral oriental. O beiral é uma importante característica da arquitetura japonesa, possuem formas que aumentam o sentimento de estabilidade e de harmonia da forma da construção. Apesar do beiral da primeira edificação ser diferente da segunda em se tratando de forma e cor, insinuam uma continuidade de um para outro. Apesar da simetria da fachada do térreo não há obrigação alguma em se

pensar de forma racional, uma vez que há a importância dos adornos orientais.



**Figura 5: Análise do térreo**  
**Autor: Juliana Duarte dos Santos**

O térreo da terceira edificação também expõe uma ruptura muito grande com os demais pavimentos. Segue a mesma linha da segunda edificação formando uma continuidade, a principal diferença está no beiral um pouco mais trabalhado que os outros dois dando maior impacto no conjunto. Um dos problemas percebidos é a presença de um toldo de lona que foge das características orientais fazendo ruído na composição da fachada.



**Figura 6: Análise do térreo**  
**Autor: Juliana Duarte dos Santos**

O térreo da quarta edificação é o que possui menos intervenções, contando apenas com um sutil beiral sem nenhuma complexidade. Conversa de certa forma com o restante da edificação, mas cria uma ruptura no cenário oriental.

Por fim analisaremos o conjunto de térreo mais os demais pavimentos deste trecho (Figura 7).





**Figura 7: Análise do cenário**  
**Autor: Juliana Duarte dos Santos**

Há a presença de uma confusão entre fachadas originais e as fachadas orientais quando analisamos o conjunto, concluímos que apenas parte do edifício está dentro do contexto proposto para o bairro, como se só a parte do térreo fosse cabível de intervenção paisagística, gerando ruído na leitura e na percepção do sujeito.

“... não é possível uma coisa possuir duas propriedades mutuamente exclusivas no mesmo lugar ao mesmo tempo. Um objeto pode perfeitamente ser em parte vermelho e em parte azul, ou parecer azul de manhã e vermelho ao entardecer, ou parecer azul a uma pessoa e vermelho a outra. Mas as mesmas partes não podem ser uma mistura das duas cores. Pode preencher diversas funções, contanto que sejam compatíveis. E também pode ser ambíguo, no sentido de uma alternância das duas versões. Todas essas são espécies possíveis e compatíveis de ordem. Mas se dissermos a respeito de uma coisa que é isto e também aquilo e as duas forem mutuamente exclusivas e, do mesmo modo, se uma coisa nos informa que é isto e ao mesmo tempo também aquilo e as duas forem mutuamente exclusivas, então o que se está a afirmar é um absurdo, o que é criado uma confusão, e a ordem torna-se desordem.” (ARNHEIM, 1988, p.137).

Quando o observador direciona a visão às fachadas do térreo percebe com maior impacto a influência oriental, quando volta a sua visão para acima da linha do térreo a perspectiva muda, revelando a influência modernista que construiu um marco na história das grandes cidades ocidentais.

“Não é invulgar um arquiteto considerar seu edifício no contexto da paisagem natural ou urbana em que ele surgirá, e dar-se conta dos diferentes aspectos que apresentará nas diferentes perspectivas. Mas parece legítimo afirmar que ao prevêê-las o arquiteto não concebe as vistas individuais do seu edifício como imagens que apresentam uma única perspectiva, limitada ao aspecto mostrado. Concebe-se enquanto relacionadas com outras vistas possíveis e com a configuração do próprio edifício. Espera que este seja visto como é e, para ele, uma dada vista só oferece uma visão parcial no todo da natureza invariável do edifício. Com efeito, é natural que defenda que essa visão parcial só faz sentido se for apreendida com a consciência explícita do que são, objetivamente, o edifício e a respectiva posição no ambiente que o rodeia” (ARNHEIM, 1988, p.101).

Quando comparamos nosso trecho com uma imagem da movimentada cidade Akihabara, em Tóquio-Japão, percebemos algumas semelhanças com o que encontramos na região da Liberdade, em São Paulo. Em Tóquio há a constante presença de elementos de fachada, letreiros e caracteres em vermelho assim como a presença de edificações bem altas, que são características das grandes metrópoles do mundo. Então, o ruído que identificamos ao analisarmos o trecho que compreende as quatro fachadas na liberdade torna-se um elemento que enfatiza ainda mais a percepção de uma cidade oriental. Uma diferença é que quase todas, senão todas, as edificações são identificadas por letreiros luminosos, mesmo as edificações mais altas que resultariam em ruído aos olhos do observador, recebem estes elementos em sua extensão.





Figura 8: Centro da Cidade Akihabara, em Tóquio, Japão.

Fonte: <http://colunas.revistaepocanegocios.globo.com/coffeebreak/2011/02/04/13-cidades-que-vao-fazer-a-diferenca-na-vida-das-pessoas-no-futuro/>.

Teríamos isto muito mais evidenciado no bairro da Liberdade se não tivesse sido instituída na cidade de São Paulo por volta de 2007, a lei Cidade Limpa, estabelecida na administração do prefeito Gilberto Kassab, consistindo em retirar da cidade Outdoors, letreiros e placas a fim de evitar a poluição visual. Enquanto alguns pontos da cidade beneficiaram-se com a lei, outros bairros como o da Liberdade sofreram um enorme empobrecimento, uma vez que todos os letreiros e luminosos com caracteres japoneses foram retirados para o bairro enquadrar-se ao novo 'padrão' da cidade. Os letreiros e luminosos conferiam o reforço da identidade cultural a região e misturavam os elementos do Japão moderno com elementos da arquitetura tradicional, conferindo uma melhor leitura do observador, hoje esses elementos só podem ser encontrados nos cartões postais dos anos 80 (Figura 9).



Figura 9: Letreiros e luminosos que reforçavam a identidade do Bairro da Liberdade na década de 80.

Fonte: <http://quandoacidade.wordpress.com/2012/05/07/lei-cidade-burra/>.

Apesar de o Japão moderno ser composto mais por letreiros luminosos, que não deixam de ser um grande referencial das grandes cidades orientais, ainda quando falamos em Japão a imagem gerada na cabeça das pessoas é a imagem da arquitetura Japonesa tradicional, no Japão, esses elementos são encontrados principalmente em castelos e templos, e na liberdade são encontrados seguidos uns dos outros em uma rua longilínea. No Japão, não há a necessidade de se reforçar a ideia oriental, pois o sujeito já se encontra cercado de significações desde pequeno. Na Liberdade o uso da arquitetura tradicional se faz presente para aguçar a percepção do observador de forma impactante, não importa muito se o Japão moderno não apresente tanto os elementos da arquitetura tradicional, mas é imprescindível a presença destes signos para a interpretação fenomenológica do sujeito, principalmente depois da retirada de todos os letreiros e luminosos da região.

Algumas fachadas provocam maior ou menor impacto na percepção das pessoas com o espaço. Classificaremos essas fachadas em três níveis: Fachadas híbridas, fachadas sobrepostas de maior intensidade e fachadas sobrepostas de menor intensidade.

Chamaremos de fachadas híbridas aquelas fachadas em que os elementos orientais se misturam com a estrutura da edificação não sendo possível a separação das partes. Em geral, no bairro da Liberdade, elas são apresentadas como fachadas mais novas. Um bom exemplo de fachada híbrida é a fachada do Banco Bradesco (imagem), que está localizado na Rua Galvão Bueno em frente à praça da liberdade.



**Figura 10: Fachada Híbrida**  
**Autor: Juliana Duarte dos Santos**

A fachada do Banco Bradesco (Figura 10) é uma das que mais chama a atenção das pessoas que transitam na região, faz parte da primeira etapa de um projeto para a região chamada 'O caminho do Imperador', que consiste na revitalização e desenvolvimento de características orientais do bairro no trajeto que foi percorrido pelo então príncipe herdeiro e atual imperador do Japão.

O Banco Bradesco iniciou o projeto revitalizando a praça da Liberdade assim como a fachada de sua própria agência em uma réplica adaptada do Castelo Imperial de Osaka. A cidade de Osaka é considerada a terceira mais populosa do Japão, com o 'humor' e ritmo muito semelhante ao que

encontramos na cidade de São Paulo, contextualizando ainda mais a escolha da caracterização da edificação.

A fachada consiste em uma composição de pedras que reforçam a posição da edificação no cenário dando sensação de solidez. Os ornamentos reforçam a identidade oriental, a fidelidade da réplica, a riqueza nos detalhes como o beiral e o frontão entalhados em madeira faz com que as pessoas tenham uma percepção clara desses elementos que quebram a rigidez da pedra com sua leveza. Certamente trata-se de uma edificação muito marcante que vira ponto de referência, cenário para fotografias ou simplesmente atrai o olhar das pessoas que por ali passa envolvendo o sujeito efetivamente no contexto oriental.

“Não se pode fazer plena justiça à expressão visual dos objetos arquitetônicos tratando-os como vistas desligadas como se existissem meramente para serem olhados. Esses objetos não apenas refletem as atitudes das pessoas por quem e para quem foram construídos, como também modelam ativamente o comportamento humano” (ARNHEIM, 1988, p.217).



**Figura 11: Fachada Híbrida marcante, no térreo da filial do McDonald's na Rua Galvão Bueno.**  
Autor; Juliana Duarte dos Santos.

Outra fachada híbrida marcante na Rua Galvão Bueno é a edificação da filial do McDonalds (figura 11). Recentemente reformada é composta por uma ornamentação simples revelando menor impacto quando comparamos com a filial do Banco Bradesco, contém dois beirais tradicionais da cultura oriental, os caixilhos têm detalhes quadriculados em madeira e policarbonato, que faz uma releitura dos tradicionais shó-ji. O Sho-ji é um elemento tradicional japonês, que consiste em um divisor que pode ser uma janela ou uma porta de correr feito de papel translúcido (papel de arroz) sobre uma estrutura quadriculada de madeira ou bambu. Apesar de ser utilizado o policarbonado na fachada do McDonalds, ainda assim como nas lanternas Suzuranto, tem-se a sensação do material utilizado ser o próprio papel revelando leveza em todo o complexo. As cores da fachada lembram as cores dos ambientes internos japoneses, o que desperta sensação de conforto e ambiente familiar, propício para reforçar a visita a hamburgueria. É a edificação que melhor consegue caracterizar o ser exterior no contexto paisagístico do bairro e ainda assim fazer uma ligação harmoniosa com o seu interior apesar da menor quantidade de ornamentos.

“O mais belo é quando as coisas se encontram, quando se harmonizam. Formam um todo. O lugar, a utilização e a forma. A forma remete para o lugar, o lugar é este e a utilização é esta.”  
(ZUMTHOR, 2006, p69).

Por último temos na Liberdade a presença de fachadas que chamaremos de sobrepostas.

As fachadas sobrepostas funcionam como uma ‘maquiagem’ aplicada a fachada original das edificações a fim de proporcionar características orientais àquele estabelecimento, diferentemente das fachadas híbridas, os elementos orientais que compõem as fachadas sobrepostas são facilmente separados da estrutura original aos olhos do sujeito evidenciando duas linguagens completamente diferentes, como na imagem.





**Figura 12: Fachada sobreposta – Shopping Trade Center**  
**Autor: Juliana Duarte dos Santos**

O Shopping Trade Center adapta em sua fachada um ornamento em madeira composto por um gradil, beirais com formato levemente orgânico e pequenos detalhes entalhados na madeira. O complexo é posicionado acima da linha do observador que caminha pela Rua Galvão Bueno, o que faz com que o impacto paisagístico oriental seja menor do que quando os ornamentos são localizados no térreo das edificações ou na edificação em sua totalidade.

“A extensão do campo está consideravelmente relacionada com a experiência visual, como se pode verificar facilmente pondo do lado exterior de cada olho. Quando é restringido o contexto no qual aparecem as proporções centralmente localizadas, o espaço deixa de rodear o observador, antes aparecendo à sua frente como um quadro. É como se estivesse a olhar para uma fotografia ou para uma imagem enquadrada no écran de cinema. E temos que acrescentar desde já que a visão nítida se limita a um pequeno ângulo, de cerca de um grau, de modo que tudo – exceptuando as imagens menores de todas – terá de ser enquadrinhada pelos movimentos do olho a fim de poder ser apreendido como deve ser.” (ARNHEIM, 1988, p.109).

Podemos notar que entre as fachadas sobrepostas há a presença de níveis de intensidade que variam conforme a fidelidade, quantidade e forma

de aplicação dos elementos orientais. A fachada do Shopping Trade Center (Figura 12) apresenta riqueza nos elementos enquanto a fachada do banco Itaú (Figura 13) localizado na Avenida Liberdade, apresenta somente o letreiro com caracteres diferenciados.



**Figura 13: Fachada sobreposta Banco Itaú**  
**Autor: Juliana Duarte dos Santos**

Apenas os sutis caracteres em branco no letreiro do Banco Itaú carregam significação oriental. Essa disposição não faz com que o indivíduo sinta-se no Japão, contudo revela a presença de uma cultura diferente na região. O nível de intensidade da sobreposição é menor, porque quando removemos os escritos (imagem), a filial 'oriental' do Banco Itaú passa a ser uma filial como outra qualquer da cidade de São Paulo.



**Figura 14: Fachada sobreposta Banco Itaú**  
**Autor: Juliana Duarte dos Santos**

As fachadas sobrepostas estão presentes nas edificações mais antigas uma vez que facilitam o processo de intervenção, porém o impacto que elas causam é muito menor do que o impacto de uma edificação mais recente e pensada para compor o cenário oriental.

Muitos, senão a maioria, dos estabelecimentos do Bairro da Liberdade não possuem tratamento híbrido ou sobreposto de fachada. Essas edificações que hoje se encontram ‘despidas’ de elementos orientais eram bases para luminosos e letreiros com caracteres orientais, como encontramos na cidade de Tóquio, no Japão. Hoje estes estabelecimentos revelam a estrutura original da edificação, somente utilizando como ‘diferencial’ a pintura com cores vivas como o tradicional vermelho. Esta prática revela o desejo de não se fugir totalmente do contexto do bairro apesar de deixar a desejar. Alguns trechos do bairro da Liberdade já deixam de proporcionar a sensação que os elementos da arquitetura tradicional Japonesa remetem, revelando apenas estabelecimentos pintados em vermelho que podem ser encontrados em qualquer outro ponto da cidade.



### 3.3 ATMOSFERAS

“A qualidade arquitectónica- para mim - não significa aparecer nos guias arquitectónicos ou na história da arquitectura ou ser publicado etc. Qualidade arquitectónica só pode significar que sou tocado por uma obra” (ZUMTHOR, 2006, p.10-11).

O trecho escrito por Peter Zumthor em seu livro ‘Atmosferas’ faz-se necessário para começar essa última análise. Quando estamos tratando de percepção, seja do espaço, seja de uma obra, não estamos lidando simplesmente com a qualidade ou com os defeitos do objeto analisado, estamos lidando com o resultado, ou seja, antes de tudo com a primeira impressão que nos é passada. Isso pode significar uma que o sujeito está receptível a impressões boas ou impressões ruins, o que dependerá da individualidade e vivência de cada um.

Ao passarmos pela Rua Galvão Bueno, observamos os elementos entalhados em madeira, os beirais, o uso constante do vermelho e a forma marcante das lanternas, tudo remetendo a tradicional arquitetura Japonesa que é extremamente marcante e reconhecida mundialmente, apesar das discussões de ruídos e máscaras, é inegável como o sujeito é afetado por aquele conjunto de signos, essa é a primeira impressão do bairro da Liberdade, é desta forma que ele é lembrado pelos moradores e turistas que passam pelas cidades, sua atmosfera é tão envolvente e sua presença na cidade de São Paulo tão marcante que envolve o sujeito.

“A atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver. Há situações em que não podemos perder tempo a pensar se gostamos ou não de alguma coisa, se devemos ou não saltar e fugir. Existe algo em nós que comunica imediatamente conosco.” (ZUMTHOR, 2006, p.12-13).

## CONCLUSÃO

Quando falamos de espaço urbano são inúmeros os alicerces em que podemos nos apoiar para fazer uma leitura, também são inúmeras as possibilidades de escolha de local para análise. Na presente pesquisa foi escolhido o Bairro da Liberdade que proporcionou instrumentos significativos para a leitura urbana através do pensamento fenomenológico.

O embasamento teórico reunido nos livros principalmente de Bachelard, Lynch e Arnheim foram significativos para a estruturação da pesquisa e realização de uma boa leitura. O material iconográfico trouxe maleabilidade e clareza na formação do pensamento. Apesar de não realizada seria interessante acrescentar à metodologia entrevistas com moradores do Bairro da Liberdade e com pessoas que passam para visitar o local, gerando um material de análise rico por se tratar de um dos elementos mais importantes da fenomenologia, o sujeito, complementando assim este trabalho.

Durante o desenvolvimento do trabalho foram encontrados alguns obstáculos, o primeiro consistiu na questão da dupla significação do bairro, que implica na sobreposição de máscaras resultando em ruído no cenário, o segundo a dificuldade de fazer uma leitura através de uma filosofia que tem como um de seus filtros o sujeito.

O problema do ruído é minimizado quando comparamos as imagens do Bairro da Liberdade com imagens de Tóquio, uma cidade original japonesa, ambas as cidades possuem este tipo de intervenção no cenário.

Concluimos também que a fenomenologia fornece instrumentos para a leitura do espaço urbano. Os cenários que captam a imediatez de nossas percepções sensoriais fazem parte de uma atmosfera composta por texturas, materiais, fenômenos cromáticos, detalhes, luz, sombra e da passagem do tempo, todos estes elementos participam e influenciam na experiência total do sujeito despertando simultaneamente todos os sentidos e complexidades da percepção. Quem compõe a fenomenologia é o sujeito, ele é o ponto para onde todas estas informações perceptivas convergem e a partir do próprio sujeito forma-se o pensamento fenomenológico, a realidade não se altera, o que varia é a história ou a experiência vivenciada pelo sujeito diante daquele

cenário ou inserida naquela atmosfera, isto torna a fenomenologia um instrumento significativo para a leitura do espaço urbano.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ARHEIM, Rudolf. **A dinâmica da forma arquitectónica**. 1.ed.Lisboa. Editorial Presença, Ltda., 1988.

BACHALARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Martins Fontes, 1999.

SOUZA, Ricardo Timm de Souza; OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. **Fenomenologia hoje II: Significado e linguagem**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2002.

## INTERNET

ALMEIDA, Marcela Alves. **O sujeito fenomenológico na arquitetura do H2O**. Arquitexto 125.07 ano 11, outubro de 2010. Disponível em: < [www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3541](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3541) >. Acesso em: 08 jun. 2012.

## BIBLIOGRAFIA

ARHEIM, Rudolf. **A dinâmica da forma arquitectónica**. 1.ed.Lisboa. Editorial Presença, Lda, 1988.

ARHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: Uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira,2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BACHALARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

CARVALHO, Alex Moreira; MORENO, Eleni; BONATTO, Francisco Rogerio de O; SILVA, Ivone Pereira Da. **Aprendendo metodologia científica: uma orientação para alunos de graduação**. São Paulo. O nome da Rosa, 2000.

CULLEN, Gordon. **A paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1996.

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. Editora Vozes, 2007.

GUIMARÃES, Lais de Barros Monteiro. **Liberdade**.

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. 3ª Edição, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LOYOTARD, Jean-Françoise. **A Fenomenologia**. Edições 70, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo. Cosac&naify, 2004.

NESBITT, Kate. **Uma nova Agenda para a Arquitetura**. 2ª Edição, Cosac Naify, 2010.

PONCIANO, Levino. **Bairros Paulistanos de A Z**. 2ª Edição, São Paulo: SENAC, 2002.

RASMUSSEN,Steen Eiler. **Arquitetura Vivenciada**. São Paulo. Martins Fontes, 1986.

SANTOS, Clóvis Roberto dos; NORONHA, Rogeria Toler da Silva de. **Monografias Científicas: TCC, dissertações, tese**. São Paulo. Editora Avercamp, 2005.

SOUZA, Ricardo Timm de Souza; OLIVEIRA, Nythamar Fernanes de. **Fenomenologia hoje II: Significado e linguagem**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2002.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona. Editorial Gustavo Gili, 2006.

## INTERNET

ALVEZ, Luiz Augusto dos Reis. **O conceito de lugar**. Arquitexto 087.10 ano 08, agosto de 2007. Disponível em: <[www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225)>. Acesso em: 08 jun. 2012.

ALMEIDA, Marcela Alves. **O sujeito fenomenológico na arquitetura do H2O**. Arquitexto 125.07 ano 11, outubro de 2010. Disponível em: <[www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3541](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3541)>. Acesso em: 08 jun. 2012.

COSTA, Flávia Nacif. **Uma reflexão sobre o design como reativador experiência espacial**. Arquitexto 045.09 ano 04, fevereiro de 2004. Disponível em: <[www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/613](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/613)>. Acesso em: 08 jun. 2012.